

# Trabalho de Equipe: Uma Cultura em Guimarães Rosa e Fernando Pessoa

**Jorge Bichueti**

## 1. Introdução

Somos todos feitos de solidão, mas de uma solidão povoada de encontros.

A prática em saúde deixa agora o seu lócus de dominação, o hospital e a lógica biológica e experencia novos encontros.

O trabalhador é chamado a devir-se equipe; e como coletivo a também abordar um novo objetivo: a família.

Esta é uma perspectiva que enlouquece o *modus vivendi* do instituído da saúde. Nesta hora, escutamos Guimarães Rosa: “Tu não acha que todo mundo é doido? Que um: só deixa de doido ser em horas de sentir a completa coragem ou o amor? Ou em hora em que consegue rezar”.

A saúde da família precisa, então, de se ver e perceber que para se fazer efetivamente nova, instituinte, promotora de mudanças ela é obra de equipe, mas não é de qualquer equipe.

É coragem, ousadia, criatividade...

É amor, acolhimento; vínculo, encargo, co-responsabilização...

E é oração? Oração-fé no outro e na vida.

A medicina, se consolidou historicamente através da evitação do outro.

Longe, distante: inatingível.

Agora, o outro divide conosco o caminho e a nossa prática é partilha.

Urge, então, que desatemos os nós imaginários do nosso castelo individualista; “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.” Travessia nossa e do outro, de todos.

Pensar, assim, o trabalho de equipe na saúde da família (PSF) nos impõe uma nova compreensão do saber-agir: o autêntico transformador da realidade é um caçador e um produtor de linhas de fuga.

Para o institucionalismo, linha de fuga é a potência desejante e inovadora que supera, evita, dribla o instituído e cria consistência para um novo modo de ser e existir.

É a invenção da invenção.

E equipe em si já é, no terreno da Instituição Saúde, uma linha de fuga.

Supera, evita e dribla a rostridade do Homem Médico/Semi-Deus, onipotente, individualista e protegido no seu egocentrismo das inquietações do outro.

Não vê, nem sente: nenhuma lágrima, mas, também nenhum sorriso.

É o dono... Até que seu corpo lhe comunique a sua própria fragilidade.

Equipe é força coletiva, troca, partilha... Que humaniza o serviço, humanizando a si mesmo.

Equipe é... este verso:

“Faze de ti um duplo ser guardado/ e que ninguém, que seja e fite, possa saber mais que um jardim de quem tu és...”

Um jardim ostensivo e reservado/ por trás do qual a flor nativa roça/ a erva tão pobre que nem tu a vês”

(F. pessoa)

Assim, é a equipe. Pasto que se multiplica alimentando a vida. Vida nova. Vida plena.

## 2. Equipe e Transversalidade

Só é possível a equipe na vigência da transversalidade.

Transversalidade – espaço liso onde todos podem... falar, sentir, intervir...

Olhar livre sem viseira.

Grupo-rede de solidariedade e liberdade; grupo-parceria... Espaço para o diferente, possibilidade do conflito; força coletiva sem necessidade do rebaixamento uniformizante ou de um centro de poder que hierarquiza pela exclusão das relações...

### 2.1 Equipe, transversalidade e desterritorialização: o sertão

Almejamos o novo. A equipe é o novo.

...Mas trazemos profundo apego ao lugar de poder do passado. O Individualismo em nossas entranhas...

O PSF quebra nossa lógica dominante.

Nele, estamos no Sertão de Guimarães Rosa: um lugar do tamanho do mundo, uma encruzilhada. Terra sem dono. No redemoinho, o diabo.

Lugar-de-redefinição. Escolha. Opção.

Para estar aí, a equipe necessita desterritorializar-se do saber hegemônico, com sua impáfia e verdades definitivas...

Dar-se a invenção do entre do encontro...

Poder viver a multiplicidade do e no lugar do seguro é, general lingüístico que cerceia nossa escuta e que nos recria como repetição nublada de velhos manuais.

É preciso, neste sentido, quebrar velhos costumes e brincar de criar com a doçura da criança, com irreverência dos loucos, e com energia dos apaixonados.

Afinal:

“Não só quem odeia ou nos inveja nos limita, quem nos ama não menos nos limita.

Que os deuses me concedam que, despido

De afetos, tenha a fria liberdade

Dos píncaros sem nada.

Quem quer pouco, tem tudo,

Quem quer nada

é livre; quem não tem e não deseja, Homem é igual aos deuses”

(F. Pessoa)

### 2.2 Rizoma e devir

Montar e manter a vida de uma equipe exige arte, artimanhas.

Temos por modelo: a árvore. A árvore com seu núcleo fundante, seu tronco robusto, ramagens, flores e frutos. Tudo centrado...

Assim, a equipe se esvai pela impossibilidade de conter as tramas das feridas narcísicas, já que funciona reproduzindo o molar, os mecanismos de interação como dominação e subserviência.

De Parnet sobre Deleuze: você sempre preferiu ser a grama que medra entre as pedras do caminho.

Eis o rizoma. A Equipe-rizoma se sociabilizando, transversalizando relações e conectando potências. Não tem centro fixo e rígido. A vida circula. Todos são igualmente protagonistas...

Diz Pessoa: “Quem me dera que eu fosse pó da estrada  
e que os pés dos pobres me estivessem pisando...  
Quem me dera que eu fosse os rios que correm  
e que as lavadeiras estivessem à minha beira  
Quem me dera que eu fosse os choupos à margem do rio  
e estivessem só o céu por cima e a água por baixo  
Quem me dera que eu fosse o burro do moleiro  
e que ele me batesse e me estimasse  
Antes isso que ser o que atravessa a vida  
olhando para trás de si e tendo pena”

Deste poema, extraímos duas problemáticas a ser superadas no convívio da equipe: o orgulho e a vitimização.

Ousar viver, permitir experimentar...

Riobaldo, personagem do Grande Sertão: Veredas afirma que a única dor intolerável é não se assumir a possibilidade do ato de ternura quando pulsa em nós os ondedos do amor.

Equipe-rizoma nos corrói enquanto identidades egóicas cristalizadas e nos lança no território do devir.

### 3. Rostridade e atravessamentos

Apenas, um exercício... Para quê?

Para quebrar nosso gosto pelo poder, nosso apego ao Eu, nossos atravessamentos que diante do novo emergem carregando as traves das velhas instituições do status quo.

Leiamos o Poema da Linha Reta de Fernando Pessoa:

Humanizemo-nos e aí nossa equipe poderá funcionar como um dispositivo de produção de vida.

### 4. Equipe-dispositivo

O PSF guarda consigo algo além do que a simples implementação de uma política social de gerência da dívida da sociedade para com a população marginalizada.

Não é também apenas otimização de recursos, ou atenuação dos efeitos da crise de setor Saúde.

Ele- o PSF – guarda a potência de gestar um novo modelo assistencial, a ser inventado na travessia...

Porisso, a equipe, nele, necessita ser um dispositivo. Dispositivo-gerando novas práticas, novos trabalhadores. Fonte de subjetivação.

Um caminho a percorrer. Como?

Escutemos Rosa:

“Qualquer amor já é um cadinho de saúde, um descanso na loucura”

“E me inventei neste gosto de especular idéias”

“Que o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer.

É o alegre do amor”

É preciso ousar, mas ousar de outro lugar, nosso novo lugar é o espaço do amor e da criatividade.

Inventando com a experimentação onde se gasta (desgasta) o velho, assumindo “o razoável sofrer” e o “alegre do amor”

Do fim da acomodação...

Nos princípios da solidariedade...

Assim, nascerá o novo: novo agir, novos sujeitos.

Subjetivações livres,

Práticas libertárias...

Vida-amor, amor-vida...

## 5. Conclusão

Esta conversa não tem fim.

Assinalo aqui apenas dicas necessárias ao trabalho de equipe, tal qual entendemos:

- 1) que é se constitua-se autogestiva e autoanalítica;
- 2) quando funciona como contrainstituição;
- 3) multiplicando linhas de fuga e se vigiando ante os perigos de captura;
- 4) e em sintonia com a potência do amor - o seu canal de conexão com as famílias e com o próprio novo cuidado.

Deste modo, seremos Pessoa-Rosa, gente-amor, e a saúde e as dores da vida hão de se dar no aconchego de um povo-equipe que soube se fazer “sociedade de amigos.